

Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados

Elizete Vieira Vitorino

Professora doutora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: elizete@cin.ufsc.br

Daniela Piantola

Mestre em teoria literária e literatura comparada pela Universidade de São Paulo. Graduada em biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: danipiantola@hotmail.com

Resumo

Nos últimos anos, assiste-se ao crescente interesse pelos estudos voltados à competência informacional, o qual se reflete, principalmente, no número de publicações sobre o assunto e extrapola os domínios da biblioteconomia e da ciência da informação. O propósito deste artigo é, portanto, oferecer um panorama internacional, histórico e conceitual das pesquisas sobre a competência informacional, procurando mostrar alguns dos diversos desdobramentos que a reflexão sobre o tema tem apresentado nos últimos anos em países onde seu processo de legitimação já se encontra consolidado, de modo a iluminar possíveis campos de pesquisa e de ação para o profissional bibliotecário. Esta pesquisa aponta que, se os estudos iniciais acerca do tema se dedicavam a conceituá-lo, a discutir sua pertinência e a determinar habilidades e conhecimentos que lhe são inerentes, na última década pode-se perceber a proliferação de pesquisas direcionadas a descrever iniciativas ou a propor modelos em áreas que ultrapassam o campo usual, tais como ciências médicas, direito, política e informática, dentre outros. Os primeiros resultados encontrados nesta etapa da pesquisa encaminham para uma perspectiva educacional e filosófica da competência informacional, o que sugere a necessidade de maior aprofundamento e caracterização da competência informacional sob quatro dimensões: técnica, estética, ética e política, que servem tanto à competência quanto à informação.

Palavras-chave

Competência. Informação. Competência informacional. Profissionais da informação.

Information literacy – historical and conceptual bases: constructing meanings

Abstract

Recent years have witnessed the increasing interest in studies focused on information literacy, which is reflected mainly in the number of publications on the subject and goes beyond the fields of Librarianship and Information Science. The purpose of this paper is, therefore, to offer an outlook, historical and conceptual, of international researches on information literacy, trying to show some of the different ramifications which the discussion on the subject has exhibited in past few years in countries where its process of legitimation is already well established, in order to illuminate possible areas of research and action for the librarian professional. This research indicates that if the initial studies on this topic tended to be devoted to conceptualize it, discussing its relevance and determine the skills and knowledge related to information literacy, in the last decade can be noticed a proliferation of researches aimed at describing initiatives or proposing models in areas beyond the usual field such as Medical Sciences, Law, Politics or Computers, among others. The first results of this research refer to a philosophical and educational perspective of information literacy, which suggests the need for deeper understanding and characterization of information literacy in four dimensions: technical, aesthetic, ethical and political, serving both to competence as to information.

Keywords

Competence. Information. Information literacy. Information professionals.

INTRODUÇÃO

Em sua reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na sociedade contemporânea, o filósofo Pierre Lévy (2000, p. 157) aponta a velocidade de surgimento e renovação do conhecimento aliada à nova natureza do trabalho como uma das características daquilo que ele chama de cibercultura, definida como a cultura globalizada permeada pelo fluxo vertiginoso da informação por meio de uma rede digital. Neste sentido, muito daquilo que aprendemos em determinado momento de nossas vidas torna-se rapidamente obsoleto, incapaz de dar conta de uma realidade em contínua mutação e das novidades que se proliferam em ritmo extraordinário e geram uma necessidade de aprendizado constante e urgente. Burke (2003) caracteriza com muita propriedade o atual momento, afirmando que os historiadores do futuro poderão se referir ao período em torno do ano de 2000 como a “era da informação”.

Sob essa perspectiva, é consenso que o desenvolvimento de habilidades e competências que permitam o uso consciente, criativo e benéfico da informação tornou-se essencial para a atuação do indivíduo no contexto social contemporâneo. Paralelamente, os novos paradigmas de velocidade e transformação que configuram a sociedade demandam que o indivíduo estabeleça uma nova relação com a informação e com o saber, uma relação de aprendizado ao longo da vida. Em função desse fenômeno, nos últimos anos, assistimos ao crescente interesse pelos estudos voltados à competência informacional, o qual se reflete principalmente no número de publicações sobre o assunto e extrapola os domínios da biblioteconomia e da ciência da informação.

O propósito deste estudo é, portanto, oferecer um panorama internacional, histórico e conceitual das pesquisas sobre competência informacional, procurando mostrar alguns dos diversos desdobramentos que a reflexão acerca do tema tem apresentado nos últimos anos em países onde seu processo de legitimação já se encontra consolidado, de modo a iluminar possíveis campos de investigação e de ação para o profissional bibliotecário.

Com esse objetivo, a pesquisa privilegiou artigos em línguas inglesa e espanhola publicados entre os anos de 1996 e 2008, direcionados ao estudo da competência informacional e indexados nas bases de dados *Library and Information Science Abstracts (LISA)*, *H.W.Wilson*, *Scopus* e *Web of Science*, incluídos no Portal de Periódicos Capes. Para as buscas, realizadas no período entre 15 de outubro e 5 de dezembro de 2008, optou-se por utilizar os termos usuais referentes ao assunto, tais como *information literacy*, *information skills*, *information literate*, *information competence*, *lifelong learning*, *alfabetización informacional*, *alfabetización en información*, presentes nos títulos, resumos ou nas palavras-chave dos artigos.

A partir da análise do material encontrado em um primeiro momento, delinearam-se cinco categorias básicas de estudo de interesse a esta pesquisa: definições da competência informacional, históricos e revisões de literatura, competência informacional relacionada à educação, competência informacional relacionada a bibliotecas e ao profissional bibliotecário e práticas e modelos para o desenvolvimento da competência informacional. Este trabalho, em específico, apresenta os resultados obtidos quanto à primeira categoria: significados, aspectos históricos advindos de revisões de literatura que apresentaram destaque nas buscas realizadas às citadas bases de dados.

É importante destacar que, desde seu surgimento, o uso do termo *information literacy* tem sido alvo de intensas discussões, já que historicamente se entende *literacy* apenas em um nível básico de aquisição de habilidades, mais especificamente, de leitura e de escrita. Por isso, termos como *library skills* (habilidades em biblioteca), *library use* (uso de bibliotecas) ou *bibliographic instructions* (instruções bibliográficas) foram muitas vezes utilizados como sinônimos de *information literacy*, ainda que devam ser considerados componentes do termo mais amplo (SNAVELY e COOPER, 1997). Em língua portuguesa, a tradução do termo também gera controvérsias, tendo sido empregadas na literatura existente expressões como *competência em informação*, *competência informacional*, *letramento informacional* e

alfabetização em informação (HATSBACH e OLINTO, 2008). Neste trabalho, optou-se pelo emprego do termo *competência informacional*, por se entender que ele carrega uma carga semântica mais complexa e adequada ao tratamento do tema direcionado ao profissional bibliotecário.

A NOÇÃO DE COMPETÊNCIA E DE INFORMAÇÃO NOS DISCURSOS SOCIAIS

O termo competência, apesar de já bastante difundido na educação e no trabalho, não é exatamente novo. Ropé e Tanguy (1997) nos dão conta que o seu uso nos discursos sociais e científicos é relativamente recente e, portanto, nos leva a questioná-lo. O que ocorre, de fato, é que as ciências sociais muitas vezes tratam de realidades já nomeadas, sem atentar para os atos de constituição de tais noções, tomando-as por objeto, deixando de examinar o espaço que as palavras ocupam na construção das coisas sociais.

A partir da constatação da fragilidade de adotar noções e dos seus usos nos discursos sociais, procura-se aqui construir significados para a competência num viés bastante oportuno para a ciência da informação: a competência informacional. Não nos deteremos em pormenores às origens da noção de competência, porque isso já foi realizado de maneira apropriada e exaustiva em alguns escritos brasileiros, o que traria redundância a este trabalho (ROPÉ e TANGUY, 1997; DOLZ e OLLAGNIER, 2004; RIOS, 2006).

Porém, as definições de competência e de informação merecem ser apontadas – na perspectiva do estudo aqui apresentado – para nortear os elementos constituintes da competência informacional. Mais uma vez, trazemos Ropé e Tanguy (1997, p.16), apoiados numa definição do dicionário *Larousse Commercial* de 1930, para esclarecer a noção de competência: uma das características essenciais da noção de competência é ser inseparável da ação; a competência é o conjunto de conhecimentos, qualidades, capacidades e aptidões que habilitam para a discussão, a consulta, a decisão de tudo o que

concerne o trabalho, a qual supõe conhecimentos fundamentados, acompanhados das qualidades e da capacidade que permitem executar as decisões. Essa definição, para os autores, “[...] reforça a ideia de que a competência é um atributo que só pode ser apreciado e avaliado em uma situação dada.” (ROPÉ e TANGUY, 1997, p. 16). Este pensamento também é compartilhado por Rios (2006, p.63): para a autora “é importante verificar as significações, indagando sobre seu aparecimento, permanência e transformação nos contextos em que são utilizadas.”

A noção de informação – carregada de subjetividades – apresenta possibilidades infinitas de conceituação. Tomaremos aqui as palavras de Barreto (2008). Para o autor, um propósito da ciência da informação é o de conhecer e fazer acontecer o tênue fenômeno de percepção da informação pela consciência, percepção que conduz ao conhecimento do objeto percebido. A essência do fenômeno da informação é a sua intencionalidade, ou seja, uma mensagem de informação deve ser direcionada, arbitrária e contingente para atingir o seu destino e produzir, para esse fim, tensão de competências distintas existentes em dois mundos: o do gerador e o do receptor da informação para onde o conhecimento se destina, e esta é a qualidade e a característica contida no fluxo de informação, que por isto é raro e surpreendente.

Continuando sob esta ótica, pode-se completar a noção de informação, cujo sentido se constitui de:

[...] estruturas simbolicamente significantes, codificadas de forma socialmente decodificável e registradas (para garantir permanência no tempo e portabilidade no espaço) e que apresentam a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e para o seu meio. Estas estruturas significantes são estocadas em função de um uso futuro, causando a institucionalização da informação. (SMIT e BARRETO, 2002, p. 22).

A informação tem sua origem e seu destino na sociedade que a gera e a transforma em conhecimento, e à formação do profissional da informação se acrescentam os imperativos do trato com a informação – mutantes – e a compreensão tanto de sua origem

(produção, registro e divulgação) quanto de suas finalidades sociais – como utilizá-la para gerar conhecimento (SMIT e BARRETO, 2002) – o que sugere a necessidade de uma competência única, fundamental e multidimensional: a competência informacional – própria das profissões que fazem uso intensivo da informação.

EVOLUÇÃO DAS PESQUISAS EM COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

Embora no Brasil as reflexões acerca da competência informacional tenham apenas recentemente encontrado espaço entre os grupos de pesquisas – no início da década de 2000 –, a ideia de *information literacy* surgiu ainda na década de 1970, nos Estados Unidos, ligada à concepção de sociedade da informação (JOHNSTON e WEBBER, 2000; BAWDEN, 2001; DUDZIAK, 2003; CORRALL, 2008) e, diante da crescente necessidade e da importância da informação evidenciada pelos diversos segmentos da sociedade nos dias atuais, vem sendo amplamente empregada mediante os mais variados enfoques.

Com efeito, por meio da pesquisa identificou-se crescimento bastante significativo do número de estudos dedicados ao assunto nos últimos anos: a base de dados *Scopus*, por exemplo, apresenta 18 artigos com o termo *information literacy* publicados no ano de 1997, 72 em 2005 e, em 2007, esse número foi de 107 estudos publicados sobre o tema. No total, a base apresenta 783 artigos relacionados à *information literacy*. Outras bases também mostram resultados que indicam a relevância e o interesse que esse assunto tem despertado no meio científico: a base *Wilson Web* contém 909 estudos com esse termo publicados nos últimos 12 anos, e a base *LISA*, 2211. Esses dados deixam claro que a importância da competência informacional nos contextos econômico, educacional e cultural contemporâneos tem sido percebida de modo cada vez mais intenso tanto pelos pesquisadores quanto pela sociedade em geral.

A pesquisa também aponta que, se os estudos iniciais sobre o tema realizados por bibliotecários

e educadores dedicavam-se a conceituá-lo, a discutir sua pertinência e a determinar habilidades e conhecimentos inerentes à competência informacional, na última década podemos perceber a proliferação de pesquisas direcionadas a descrever iniciativas ou a propor modelos para a aplicação de estratégias com vistas à sua percepção e ao seu desenvolvimento (COX e VANDERPOL, 2005; D'ANGELO e MAID, 2004; EMMETT e EMDE, 2007; MACDONALD e RATHERMACHER; BURKHARDT, 2000; MATOUSH, 2006), muitos originados de grupos específicos e em áreas que ultrapassam o campo usual ao tema da biblioteconomia, da ciência da informação ou da educação, tais como ciências médicas, direito, política (THORNTON, 2008), comunicação, informática, marketing e administração de empresas (MUTCH, 1997; O'SULLIVAN, 2002), dentre outros.

No ano de 2000, Bruce propôs uma divisão dos estudos a respeito da competência informacional em quatro fases. A primeira, ocorrida durante os anos de 1980, diz respeito aos precursores da área, cujas pesquisas desenvolviam-se geralmente em torno de noções de habilidades informativas e elaboração de normas direcionadas aos setores educacionais. Uma das estudiosas mais influentes dessa fase foi Carol Kuhlthau, que construiu um modelo descritivo dos processos de aprendizagem por meio da busca e do uso da informação. No final desse período, bibliotecários e educadores publicaram um relatório para a American Library Association (ALA) que determinava um conceito de competência informacional, posteriormente muito disseminado, e apontava novos territórios de pesquisa.

Entre 1990 e 1995, a autora identifica uma fase experimental, caracterizada pelo interesse dos pesquisadores em discutir o significado e as implicações da *information literacy* para os programas educacionais. Muitos desses estudos basearam-se em investigações a respeito dos modos de percepção de estudantes e profissionais sobre o assunto a partir da aplicação de modelos experimentais

para o desenvolvimento dessas competências. A fase exploratória, de 1995 a 1999, por sua vez, teria sido marcada pela identificação e exploração de uma variedade de paradigmas, relacionando a competência informacional aos estudos cognitivos, construtivistas, entre outros, e pelo crescimento do interesse por estudos baseados na esfera do trabalho. Nesse estágio, os pesquisadores passam a perceber a natureza contextual da competência informacional e diversos países estabelecem programas de pesquisa na área.

A última fase seria iniciada no ano 2000, quando o artigo foi publicado. Segundo a autora, os pesquisadores estariam desenvolvendo o que ela chamou de consciência coletiva em relação ao espaço de estudos construído em torno da competência informacional, o qual vem se expandindo e se constituindo como importante fonte de conhecimento para profissionais da informação e educadores. No Brasil, ao que nos parece, tendo em vista pesquisas neste contexto* e sobre esta temática, estamos alocados ainda na primeira fase descrita por Bruce e caminhando a passos curtos, mas sólidos, para a fase experimental, ainda bastante modesta no cenário brasileiro.

EM BUSCA DE SIGNIFICADOS

Como podemos constatar, nas últimas décadas, a competência informacional tornou-se um conceito central para os estudos das mais variadas áreas. Mas sua definição continua a ser objeto de estudo e,

* Cf. VITORINO, E. V. *Competência informacional: princípios, bases históricas, conceituais, teóricas, metodológicas e aplicações da Information Literacy - Relatório Parcial I - Um recorte sobre os estudos brasileiros publicados no Brasil. 2008. (Relatório de pesquisa).*

VITORINO, E.V. Princípios epistemológicos à competência informacional do profissional da informação. In: IX Congreso Capítulo Español ISKO, 2009, Valencia. *Actas del IX Congreso ISKO-España*. Valencia, 11-13 marzo 2009.. Valencia: Editorial UPV, 2009. Disponível em: <http://www.iskoix.org/wp-content/uploads/2008/10/epistemologia_del_conocimiento.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2009.

VITORINO, E. V. Competência informacional do profissional da informação bibliotecário: construção social da realidade. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 24, p. 59-71, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/422/410>>. Acesso em 3 jun. 2009.

consequentemente, de muitas controvérsias, pois, como observa Ward (2006, p. 398), a noção de competência informacional não é estática e limitada, mas configura-se como um conceito dinâmico que continua a crescer para incorporar uma gama cada vez maior de habilidades necessárias aos indivíduos inseridos na era da informação.

Uma das primeiras e mais disseminadas definições de competência informacional é aquela elaborada pela ALA, em 1989, segundo a qual “para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando a informação é necessária e ter a habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. [...] Pessoas competentes informacionais são aquelas que aprenderam a aprender”.

Seguindo a concepção da necessidade de localização, avaliação e uso da informação, a competência informacional também tem sido relacionada a habilidades em lidar com as tecnologias de informação. Bawden (2001) cita alguns termos que já foram relacionados à competência informacional, tais como *digital literacy*, *network literacy*, *hyper-literacy*, *Internet literacy*, *computer literacy* e *media literacy*. Grafstein (2002) também entende que a competência informacional encerra um desafio para os bibliotecários no sentido de ampliar as habilidades que eles ensinam para além das instruções sobre os recursos tradicionais de bibliotecas, “a fim de preparar os estudantes para explorarem efetivamente o vasto conjunto de informação digital disponível” (2002, p. 198). Fica claro que, para muitos autores, as noções de competência informacional e de competências nos mais variados recursos tecnológicos se equivalem. De acordo com esses pontos de vista, a competência informacional estaria ligada a uma série de habilidades técnicas ou cognitivas em acessar conteúdos informacionais em meio digital.

Apesar de a maioria das práticas relacionadas à competência informacional, até hoje, utilizarem a definição da ALA e suas atualizações como referência, Ward (2006) observa que “a definição nos leva a ver aquilo que está lá, mas não o que está

faltando”. Hoje, a ideia inicialmente aceita de que a competência informacional consiste essencialmente em conjunto de habilidades individuais ligadas à manipulação da informação em um suporte digital constitui apenas uma das muitas dimensões sugeridas pelo termo, que vem crescendo em complexidade à medida que as pesquisas sobre o tema evoluem.

Na Austrália, onde os estudos e as práticas envolvendo a competência informacional têm encontrado ampla ressonância, o Council of Australian University Librarian (CAUL) adaptou o conceito elaborado pela ALA e conceituou o termo como a habilidade de definir, localizar, acessar, avaliar e usar a informação de forma ética e socialmente responsável como parte de uma estratégia de aprendizado ao longo da vida (2001).

Lloyd (2006) sugere que a competência informacional não deve ser definida de acordo com suas características baseadas em habilidades, nem como uma série de habilidades descontextualizadas, “pois reduzir o objeto a esse nível limita nossa concepção do fenômeno e nossa compreensão daquilo que significa ser competente em informação”. Para a pesquisadora, tornar-se competente em informação consiste em um processo holístico influenciado por relações sociais, físicas e textuais com a informação, as quais demandam uma série de práticas e atestam a complexidade e a variedade das fontes de informação dentro de um contexto (LLOYD, 2006, p. 571). Em artigo anterior, ela entende a competência informacional como uma metacompetência, na medida em que se constituiria como uma faculdade criadora, permitindo a aquisição de novas habilidades e novos conhecimentos. (2003).

Johnston e Webber (2006) também buscam apontar a competência informacional como uma disciplina de fundamental relevância na sociedade da informação e argumentam que “uma pessoa competente em informação é um ser socialmente e autoconsciente e não um simples repositório de habilidades e conhecimento” (2006, p. 112). Para esses autores, a competência informacional define-se como “a adoção de um comportamento informacional apropriado para identificar, mediante

qualquer canal ou meio, informação adequada às necessidades, levando ao uso correto e ético da informação na sociedade” (JOHNSTON e WEBBER, 2006, p. 113).

Singh (2008), por sua vez, considera que o principal propósito da competência informacional seja o desenvolvimento da habilidade de construir sentido, cujo resultado seria o aprendizado independente e o pensamento autônomo. O autor enfatiza que a exploração e a análise da ecologia informacional e da diversidade sociocultural constituem-se como componentes essenciais do processo da competência informacional.

Muitos autores concordam ainda que a competência informacional está no centro de vasta gama de competências (*literacies*) emergentes, resultantes da sociedade da informação, e que povoam a produção intelectual da área, tais como competência cultural, competência digital, competência visual, competência tecnológica, dentre outras (LANGFORD, 1998). Shanbhag (2006), por exemplo, afirma que a competência informacional evoluiu de um conceito para uma disciplina que reúne múltiplas competências, múltiplas habilidades em uma variedade de contextos. Langford (1998) argumenta ainda que se todas essas competências implicam um ato de comunicação e se a comunicação envolve codificação e decodificação de informação em uma variedade incontável de registros, então toda competência constrói-se como competência informacional.

Competência informacional crítica

Em estudo bastante citado, Shapiro e Hughes (1996) aproximam a ideia de competência informacional da essência do pensamento iluminista do século XVIII, colocando a reflexão crítica no centro da concepção de indivíduo inserido na sociedade da informação:

Mas a competência informacional deve ser, na verdade, mais amplamente entendida como uma arte neoliberal, que vai desde saber como usar os computadores e acessar a informação até a reflexão crítica sobre a natureza da informação em si, sua infraestrutura técnica, e o seu contexto e impacto social, cultural e mesmo filosófico [...]

O indivíduo competente informacional reuniria, assim, tanto as competências inicialmente previstas pelos bibliotecários quanto uma perspectiva crítica em relação à informação e ao conhecimento e ao seu próprio tempo, na medida em que permitiria uma percepção mais abrangente de como nossas vidas são moldadas pela informação que recebemos cotidianamente. Nesse sentido, os autores ampliam o conceito e o papel social da competência informacional, que seria muito mais do que uma reunião de habilidades para acessar e empregar adequadamente a informação e passaria a funcionar como uma ferramenta essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que os indivíduos fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de efetivamente determinar o curso de suas vidas.

A Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida, documento elaborado no ano de 2005 em colóquio realizado na Biblioteca de Alexandria, ratifica os elementos de democratização e justiça social inerentes à competência informacional ao afirmar que:

A competência informacional está no cerne do aprendizado ao longo da vida. [...] O aprendizado de toda a vida prepara os indivíduos, as comunidades e as nações a atingir suas metas e a aproveitar as oportunidades que surgem no ambiente global em evolução para um *benefício compartilhado*. Auxilia-os e suas instituições a enfrentar os desafios tecnológicos, econômicos e sociais, para *reverter a desvantagem e incrementar o bem-estar de todos*. (Grifo nosso.)

A partir dessa afirmação, Jacobs (2008) observa que, tendo em vista que a competência informacional opera dentro de um contexto sociopolítico, é também ela direcionada politicamente. Assim, ao limitar o potencial da competência informacional a normas e diretrizes, arriscar-se-ia minimizar, quando não negar, a natureza política que lhe é inerente.

Por constituírem processos de caráter sociopolítico, a produção, a disseminação e o uso da informação estão intimamente ligados ao envolvimento de indivíduos em uma comunidade, não podendo ser descritos a partir do isolamento (HARRIS,

2008). Como afirma Harris, o processo de criação, localização, avaliação e uso da informação nos mais variados suportes e formatos não acontece no vácuo, longe dos contextos da comunidade, onde significados e valores estão em jogo. Nesse sentido, o autor observa que muitas das normas para o desenvolvimento da competência informacional ignoram a influência da inter-relação entre os membros da comunidade em que os indivíduos estão inseridos e os processos informacionais.

Com efeito, enquanto muitos pesquisadores dedicam-se intensamente à elaboração e à implementação de normas e programas para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à competência informacional, outros grupos vêm buscando refutar a ideia de que um indivíduo possa se tornar competente em informação apenas mediante critérios uniformemente estabelecidos. Reece (2007, p. 482) observa que o conceito de competência informacional desenvolveu-se de modo a abarcar habilidades cognitivas abstratas cada vez mais complexas, as quais envolvem uma visão crítica de mundo. Para a autora, a competência informacional é uma forma de pensamento crítico aplicada ao domínio da informação.

Muitos desses estudos baseiam-se na vertente da teoria crítica, que postula a educação emancipatória e a experiência formativa.* É o caso de Elmborg (2006), para quem a dimensão crítica da competência informacional apontada por Shapiro e Hughes (1996), de características libertadoras, encontra respaldo nas teorias educacionais de Paulo Freire, segundo as quais a escola encarna a ideologia socialmente dominante, treinando em consonância com a ética capitalista seus estudantes, os quais passam a entender a educação como consumidores

* A chamada Teoria Crítica da sociedade é resultado da revisão do pensamento marxista, levada a cabo por Adorno, Horkheimer, Marcuse e outros membros da Escola de Frankfurt e da qual Habermas foi o principal herdeiro. Em linhas gerais, para esses teóricos, a emancipação constitui-se como o objetivo por excelência da educação, que, nesse sentido, deve visar à construção de um conhecimento crítico e de uma práxis “que possa romper com a ética conformista do positivismo que está a serviço da descoberta das leis que regem a sociedade, sem contudo almejar a sua transformação”. (BATISTA, 2000, p.190).

e receptores passivos do conhecimento ao invés de se tornarem agentes ativos em seu papel social. De acordo com o pesquisador, esse pensamento poderia facilmente se adequar às normas para a competência informacional disseminadas por muitas das instituições que se dedicam ao tema. Ele propõe, então, para a competência informacional alternativa semelhante àquela postulada por Paulo Freire para a pedagogia: a necessidade de desenvolver no estudante uma consciência crítica em relação à realidade e em relação a si mesmo, centrada na colocação e solução de problemas, de modo que ele possa obter controle de sua vida e de seu próprio aprendizado.

A partir de abordagem semelhante, Doherty (2007) considera que o papel mais importante de uma competência informacional crítica seria “dar voz àqueles que foram silenciados”. De acordo com esse pesquisador, os modelos que prescrevem regras e metas para se atingir a competência informacional tendem a reificar a informação ao sugerir que esta pode ser politicamente neutra. É fato, contudo, que a própria informação disponível tende a ser, mesmo que não deliberadamente, selecionada e organizada de modo a favorecer certos grupos e determinadas ideologias.

Se, como reconhece Barreto (1994, p. 4), a disseminação dos estoques de informação é determinada por aqueles que detêm a sua propriedade, os quais acabam por, potencialmente, condicionar a produção do conhecimento, então competente informacional seria aquele indivíduo que desenvolveu também a capacidade de superar as barreiras impostas pela indústria da informação e por outros mecanismos socialmente dominantes, sejam elas linguísticas, culturais ou tecnológicas. Para o autor, a competência informacional crítica é “uma forma de ativismo que incita os estudantes a dar um passo além de seus paradigmas e a buscar outras vozes” (DOHERTY, 2007, p. 6). Outra consequência da competência informacional crítica, nessa visão, mais específica, seria despertar uma consciência crítica nos bibliotecários sobre seus papéis sociais.

Na esteira da filiação crítica da competência informacional, Ward (2006) concorda que a falta de desenvolvimento adequado das habilidades informacionais entre os cidadãos limita o sucesso da democracia e a tomada de decisão para o bem comum. A autora, ratificando a ideia de dinamicidade do conceito, sugere que a competência informacional está ligada também à experiência e à compreensão pessoal do indivíduo em relação à informação, na medida em que usamos processos psicológicos de intuição e imaginação tanto quanto o pensamento objetivo para mediar nossa relação com o mundo.

Essa abordagem, no entanto, não é absolutamente nova: na década de 1980, Kuhlthau já apontava as etapas cognitiva e afetiva como parte do processo de aquisição da competência informacional (*apud* BISHOP, 2003, p.15). Sob essa ótica, a competência informacional seria resultado de uma relação muito mais complexa com a informação do que aquela proposta pelas normas e modelos tradicionais, que envolveria aspectos objetivos, ligados às habilidades técnicas e à competência crítica, e aspectos subjetivos, os quais abrangem fatores como experiência pessoal, inspiração, criatividade e motivação, sem os quais as práticas de aprendizado ao longo da vida dificilmente podem ser vislumbradas. Assim, as habilidades informacionais focadas em realidades concretas não poderiam ser efetivamente ensinadas em termos de uma série de habilidades universais, que não levam em consideração o significado pessoal da informação e da prática para o estudante, ou, mais precisamente, seu mundo interior (WARD, 2006, p. 401). Crow (2007) ratifica essa ideia ao afirmar que a motivação intrínseca é a base da competência informacional, o fundamento para um desejo de aprender e encontrar informação de maneira independente. De outro modo, estar-se-ia criando robôs de busca e não indivíduos aptos a aprender ao longo da vida e a construir conhecimento a partir desse aprendizado.

Talvez uma das mais abrangentes definições do tema seja aquela oferecida pelo Ministry of Education e pela National Library of New Zealand (2002, p.

09), segundo o qual competência informacional é um conceito amplo que abrange habilidades em informação, habilidades em tecnologias de informação, habilidades em bibliotecas, habilidades em resolução de problemas e habilidades cognitivas, além de atitudes e valores que possibilitam ao estudante atuar efetivamente no contexto da informação.

A variedade de pontos de vista aqui exposta demonstra que a abordagem da competência informacional deve levar em conta uma complexa gama de processos individuais e coletivos, constituindo um campo fértil de pesquisa e de ação de potencial transformador.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Este trabalho se propôs a elucidar significados para a competência informacional, a fim de compor bases histórico-conceituais que servirão de núcleo para pesquisas nesta área.

Uma parte dos trabalhos reunidos neste artigo tem por intenção estabelecer traços característicos da competência informacional, conforme sua época de desenvolvimento. Um olhar para fora do contexto brasileiro evidencia que, na década de 1980, os estudos tratavam da competência informacional numa fase inicial – a de habilidades informativas e elaboração de normas direcionadas aos setores educacionais, com foco na construção de modelos descritivos dos processos de aprendizagem por meio da busca e do uso da informação.

É nesta fase que se criam os conceitos da noção de competência informacional e nesse mesmo bojo de turbulências que se criticam sua legitimidade científica. Isso ocorre em razão da dificuldade de uma definição rigorosa com relação ao campo de conceitos, seu *status* epistemológico e a polissemia resultante de seu uso nos discursos acadêmicos, já que a noção de competência informacional não é estática e limitada, mas configura-se como um conceito dinâmico que continua a crescer para incorporar uma gama cada vez maior de habilidades necessárias aos indivíduos inseridos na

era da informação, como a habilidade de definir, localizar, acessar, avaliar e usar a informação de forma ética e socialmente responsável como parte de uma estratégia de aprendizado ao longo da vida, o que justifica a visão de alguns pesquisadores que não veem os recursos digitais e em meio eletrônico como foco da competência informacional, mas sim como instrumentos facilitadores para o seu desenvolvimento.

Uma fase experimental e exploratória é vivenciada na década de 1990, que tem por foco discutir o significado e as implicações da competência informacional para os programas educacionais. Esses trabalhos basearam-se em investigações a respeito dos modos de percepção de estudantes e profissionais sobre o assunto a partir da aplicação de modelos experimentais para o desenvolvimento da competência informacional. A noção de competência informacional é marcada pela identificação e exploração de uma variedade de paradigmas, os quais a vinculam aos estudos cognitivos, construtivistas e pelo interesse por estudos baseados na esfera do trabalho.

Em uma perspectiva crítica, a competência informacional deve ser mais amplamente entendida como uma “arte” que vai desde saber como usar os computadores e acessar a informação até a reflexão crítica sobre a natureza da informação em si, sua infraestrutura técnica, e o seu contexto e impacto social, cultural e mesmo filosófico, o que permitiria uma percepção mais abrangente de como nossas vidas são moldadas pela informação que recebemos cotidianamente.

Na fase iniciada no ano 2000, os pesquisadores, conforme se infere nas buscas realizadas, estão desenvolvendo uma consciência coletiva em relação ao espaço de estudos construído em torno da competência informacional, o que nos parecem sinais promissores que fazem emergir o papel social da competência informacional como um caminho essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que os indivíduos fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de determinar o curso de suas vidas.

Todos eles parecem concordar com uma dimensão dinâmica, vinculada ao contexto e à ação e que, por depender do outro para se constituir, é por isso muito mais coletiva do que individual.

Desse modo, isso pode nos levar a uma discussão importante: para a realidade brasileira, em qual dessas fases estariam os estudos e pesquisas aqui realizados? Segundo nossa experiência, a fase primeira é aquela que mais atenção recebeu dos pesquisadores brasileiros. Portanto, uma vez que estamos em busca de significados que nos auxiliem na construção de uma base teórico-conceitual sólida para a noção de competência informacional, transporemos esta fase e seguiremos em direção à segunda fase: a do significado e das implicações da competência informacional na perspectiva educacional e filosófica, o que nos leva a crer numa necessidade de maior aprofundamento e caracterização da competência informacional em quatro dimensões: técnica, estética, ética e política, que servem ambas, tanto à competência e à informação, como à educação – já que a noção se encontra em uma encruzilhada de disciplinas das ciências humanas e sociais aplicadas.

Para a próxima empreitada que se descortina, estão previstas novas contribuições sobre as dimensões da competência informacional – com foco em aspectos educacionais e filosóficos, bem como o aporte discursos de bibliotecários atuantes em bibliotecas universitárias sobre cada uma dessas dimensões no contexto profissional, resultado de pesquisa de campo.

Artigo submetido em 23/06/2009 e aceito em 22/04/2010.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. *Presidential Committee on Information Literacy*: final report. Washington, D.C., 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/acrl/publications/whitepapers/presidential.cfm>>. Acesso em: 22 nov. 2008.
- BARRETO, A. A. Uma quase história da ciência da informação. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, v. 9, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr08/Art_01.htm>. Acesso em: 15 maio 2008.
- _____. A questão da informação. *São Paulo em perspectiva*, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em: <<http://aldoibct.bighost.com.br/quest/quest2.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2009.
- BATISTA, S.S.S. Teoria crítica e teorias educacionais: uma análise do discurso sobre educação. *Educação e Sociedade*, ano 21, n. 73, dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000400012&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 12 fev. 2009.
- BAWDEN, D. Information and digital literacies: a review of concepts. *Journal of Documentation*, v. 57, n. 2, Mar. 2001. p. 218-259. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/Insight/viewPDF.jsp?contentType=Article&Filename=html/Output/Published/EmeraldAbstractOnlyArticle/Pdf/2780570203.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2008.
- BISHOP, K. What in the world is happening with information literacy? *Knowledge Quest*, v. 31, n. 5, May/Jun. 2003, p. 14-16. Disponível em: <http://vnweb.hwilsonweb.com/hww/results/results_common.jhtml;hwilsonid=LTDW0ZVR5AYAFQA3DIMCFGADUNGHIV0>. Acesso em: 18 fev. 2009.
- BRUCE, C. Information literacy research: dimensions of the emerging collective consciousness. *Australian Academic & Research Libraries*, v. 31, n. 2, p. 91-109, Jan. 2000. Disponível em: <http://vnweb.hwilsonweb.com/hww/results/results_common.jhtml;hwilsonid=W5ZXJKWRS2Q1NQA3DIMSGOADUNGHIV0>. Acesso em: 10 nov. 2008.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CORRALL, S. Information literacy strategy development in higher education: an exploration study. *International Journal of Information Management*, v. 28, n. 1, p. 26-37, 2008. Disponível em: [http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6VB4-4RPKY5-2&_user=687353&_coverDate=02%2F29%2F2008&_rdoc=5&_fmt=high&_orig=browse&_srch=doc-info\(%23toc%235916%232008%23999719998%23680770%23FLA%23display%23Volume\)&_cdi=5916&_sort=d&_docanchor=&_ct=13&_acct=C000037882&_version=1&_urlVersion=0&_userid=687353&_md5=586de884ffa75d4d324783509fe71902](http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6VB4-4RPKY5-2&_user=687353&_coverDate=02%2F29%2F2008&_rdoc=5&_fmt=high&_orig=browse&_srch=doc-info(%23toc%235916%232008%23999719998%23680770%23FLA%23display%23Volume)&_cdi=5916&_sort=d&_docanchor=&_ct=13&_acct=C000037882&_version=1&_urlVersion=0&_userid=687353&_md5=586de884ffa75d4d324783509fe71902)>. Acesso em: 4 mar. 2009.
- COUNCIL OF AUSTRALIAN UNIVERSITY LIBRARIANS. *Informations literacy standards*. Canberra, 2001. Disponível em: <<http://www.caul.edu.au/caul-doc/InfoLitStandards2001.doc>>. Acesso em: 13 mar. 2009.

- COX, J.L.; VANDERPOL, D. Promoting information literacy: a strategic approach. *Research Strategies*, v. 20, n.1-2, 2005, p. 69-76. Disponível em: <http://www.elsevier.com/wps/find/journaldescription.cws_home/620212/description#description>. Acesso em: 20 fev. 2009.
- CROW, S.R. Information literacy: what's motivation got to do with it? *Knowledge Quest*, v. 35, n. 4, Mar/Abr. 2007. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=4&hid=2&sid=4372930e-65e9-42ec-9b7a-3a199d4e0a8f%40sessionmgr7>>. Acesso em: 3 jun. 2009.
- D'ANGELO, B.J.; MAID, B.M. Moving beyond definitions: implementing information literacy across the curriculum. *The Journal of Academic Librarianship*, v. 30, n.3, p. 212-217, May 2004. Disponível em: <[http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=2&sid=eaf3e572-a416-4eb6-9e5d-61eba853617c%40sessionmgr2&bquery=\(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20040501\)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl](http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=2&sid=eaf3e572-a416-4eb6-9e5d-61eba853617c%40sessionmgr2&bquery=(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20040501)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl)>. Acesso em: 30 out. 2008.
- DOHERTY, J.J. Giving voice to the silenced: an essay in support of information literacy. *Library Philosophy and Practice*, p. 1-8, Jun. 2007. Disponível em: <http://vnweb.hwwilsonweb.com/hww/results/getResults.jhtml?_DARGS=/hww/results/results_common.jhtml.21>. Acesso em: 3 jun. 2009.
- DOLZ, J.; OLLAGNIER, E. (Orgs.). *O enigma da competência em educação*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- DUDZIAK, E.A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/issue/view/25>>. Acesso em: 27 fev. 2009.
- ELMBORG, J. Critical information literacy: implications for instructional practice. *The Journal of Academic Librarianship*, v. 32, n. 2, p. 192-199, Mar. 2006. Disponível em: <[http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=2&sid=eaf3e572-a416-4eb6-9e5d-61eba853617c%40sessionmgr2&bquery=\(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20060301\)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl](http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=2&sid=eaf3e572-a416-4eb6-9e5d-61eba853617c%40sessionmgr2&bquery=(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20060301)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl)>. Acesso em: 6 nov. 2008.
- EMMETT, A.; EMDE, J. Assessing information literacy skills using the ACRL standards as a guide. *Reference Services Review*, v. 35, n. 2, p. 210-229, 2007. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/Insight/viewContentItem.dojsessionid=41CA1D68DEF4255917364D46D548E2C6?contentType=Article&contentId=1603712>>. Acesso em: 3 jun. 2009.
- GRAFSTEIN, A. A discipline-based approach to information literacy. *The Journal of Academic Librarianship*, v. 28, n. 4, Jul. 2002, p. 197-204. Disponível em: <[http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=105&sid=eaf3e572-a416-4eb6-9e561eba853617c%40sessionmgr2&bquery=\(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20020701\)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl](http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=105&sid=eaf3e572-a416-4eb6-9e561eba853617c%40sessionmgr2&bquery=(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20020701)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl)>. Acesso em: 30 out. 2008.
- HARRIS, B.R. Communities as necessity in information literacy development: challenging the standards. *The Journal of Academic Librarianship*, v. 34, n. 3, mai. 2008, p. 248-255. Disponível em: <[http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=109&sid=eaf3e572-a416-4eb6-9e5d-61eba853617c%40sessionmgr2&bquery=\(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20080501\)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl](http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=109&sid=eaf3e572-a416-4eb6-9e5d-61eba853617c%40sessionmgr2&bquery=(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20080501)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl)>. Acesso em: 30 out. 2008.
- HARRIS, B.R.; MILLET, M.S. Nothing to lose: "fluency" in information literacy theory and practice. *Reference Services Review*, v. 34, n. 4, 2006. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/Insight/viewContainer.dojsessionid=0EFCE9F66518FD6EE8826F5252FE2D77?containerType=Issue&containerId=24470>>. Acesso em: 26 out. 2008.
- HATSBACH, M.H.L.; OLINTO, G. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 20-34, jan/jun 2008. Nova Série. Disponível em: <<http://www.febab.org.br/rbbd/ojs-2.1.1/index.php/rbbd/article/view/64/78>>. Acesso em: 15 fev. 2009.
- INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. *Declaração de Alexandria sobre competência Informacional e aprendizado ao longo da vida*. Disponível em: <<http://www.ifla.org/III/whsis/BeaconInfSoc-pt.html>>. Acesso em: 10 fev. 2008.
- JACOBS, H.L.M. Information literacy and reflective pedagogical praxis. *The Journal of Academic Librarianship*, v. 34, n. 3, p. 256-262, Abr. 2008. Disponível em: <[http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=109&sid=eaf3e572-a416-4eb6-9e5d-61eba853617c%40sessionmgr2&bquery=\(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20080501\)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl](http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=109&sid=eaf3e572-a416-4eb6-9e5d-61eba853617c%40sessionmgr2&bquery=(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+20080501)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl)>. Acesso em: 15 jan. 2009.
- JOHNSTON, B.; WEBBER, S. As we may think: information literacy as a discipline for the information age. *Research Strategies*, v. 20, n. 3, p. 108-121, 2006. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleListURL&method=list&_ArticleListID=890474669&_sort=d&view=c&acct=C000037882&_version=1&_urlVersion=0&_userid=687353&md5=99a914f87c2d8b1b0d9f9bb70c5a14cd>. Acesso em: 22 out. 2008.
- _____. Conceptions of information literacy: new perspectives and implications. *Journal of Information Science*, v. 26, n. 6, p. 381-397, 2000. Disponível em: <<http://jis.sagepub.com/cgi/reprint/26/6/381>>. Acesso em: 11 nov. 2008.
- LANGFORD, L. Information literacy: a clarification. *School Libraries Worldwide*, n. 1, Jan. 1998, p. 59-72. Disponível em: <http://vnweb.hwwilsonweb.com/hww/results/results_common.jhtml;hwwilsoaid=PAPGXAIRWFLERQA3DINCF4ADUNGHIIV0>. Acesso em: 3 dez. 2008.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- LLOYD, A. Information literacy: the meta-competency of the knowledge economy? An exploration paper. *Journal of Librarianship and Information Science*, v. 35, n.2, Jun. 2003, p. 87-92. Disponível em: <<http://lis.sagepub.com/cgi/reprint/35/2/87>>. Acesso em: 20 fev. 2009.

- _____. Information literacy landscapes: an emerging picture. *Journal of Documentation*, v. 62, n. 5, 2006. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/Insight/viewContentItem.do;jsessionid=0EFCE9F66518FD6EE8826F5252FE2D77?contentType=Article&contentId=1571837>>. Acesso em: 15 nov. 2008.
- MACDONALD, M.C.; RATHERMACHER, A.J.; BURKHARDT, J.M. Challenges in building an incremental, multi-year information literacy plan. *Reference Services Review*, v. 28, n. 3, 2000. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/Insight/viewPDF.jsp?contentType=Article&Filename=html/Output/Published/EmeraldFullTextArticle/Pdf/2400280303.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2008.
- MATTOUSH, T.L. New forms of information literacy. *Reference services review*, v. 34, n.1, 2006, p. 156-163. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/Insight/viewContainer.do;jsessionid=0EFCE9F66518FD6EE8826F5252FE2D77?containerType=Issue&containerId=23618>>. Acesso em: 16 nov. 2008.
- MINISTRY OF EDUCATION; NATIONAL LIBRARY OF NEW ZEALAND. *The school library and learning in information landscape: guidelines for schools*. Wellington, NZ, 2002. Disponível em: <www.natlib.govt.nz/downloads/The-school-library-and-learning-in-the-info-landscape.doc>. Acesso em: 3 jun. 2009.
- MUTCH, A. Information literacy: an exploration. *International Journal of Information Management*, v. 17, n. 5, p. 377-387, 1997. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_toctoken=%23TOC%235916%231997%23999829994%2312772%23FLP%23&_cdi=5916&_pubType=J&_auth=y&_acct=C000037882&_version=1&_urlVersion=0&_userid=687353&md5=6de18af8d4e77570867092786bc01349>. Acesso em: 18 dez. 2008.
- O'SULLIVAN, C. Is information literacy relevant in the real world? *Reference Services Review*, v. 30, n.1, 2002, p. 7-14. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/Insight/viewContainer.do;jsessionid=0EFCE9F66518FD6EE8826F5252FE2D77?containerType=Issue&containerId=17849>>. Acesso em: 22 out. 2008.
- REECE, G.J. Critical thinking and cognitive transfer: implication for the development of online information literacy tutorials. *Research Strategies*, v. 20, 2007, p. 482-493. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6W60-4N6Y5J41&_user=687353&_coverDate=12%2F31%2F2005&_alid=890474669&_rdoc=32&_fmt=high&_orig=search&_cdi=6584&_sort=d&_docanchor=&view=c&_ct=141&_acct=C000037882&_version=1&_urlVersion=0&_userid=687353&md5=a03bbf507cf61a74179a565971622e58>. Acesso em: 15 fev. 2009.
- RIOS, T. A. *Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ROPÉ, F.; TANGUY, L. (Orgs.). *Saberes e competências*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- SHANBHAG, S. Alternative models of knowledge production: a step forward in information literacy as a liberal art. *Library Philosophy and Practice*, v. 8, n. 2, 2006. Disponível em: <http://vnweb.hwwilsonweb.com/hww/results/results_common.jhtml;hwwilsonid=RTC1Z21GRXD0NQA3DILSFGOADUNGIIIV0>. Acesso em: 3 jun. 2009.
- SHAPIRO, J.; HUGGES, S. K. Information literacy as a liberal art: enlightenment proposals for a new curriculum. *Educon Review*, n. 31, v. 2, 1996. Disponível em: <<http://www.educause.edu/pub/er/review/reviewarticles/31231.html>>. Acesso em 3 dez. 2008, p. 31-35.
- SINGH, J. Sense-making: information literacy for lifelong learning and information management. *Journal of Library and Information Technology*, v. 28, n. 2, Mar. 2008, p. 13-17. Disponível em: <<http://publications.drdo.gov.in/ojs/index.php/djlit/article/view/285/115>>. Acesso em: 22 out. 2008.
- SMIT, J.W.; BARRETO, A. de A. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIN, M.L. (Org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002.
- SNAVELY, L.; COOPER, N. The information literacy debate. *The Journal of Academic Librarianship*, v. 23, n. 1, Jan. 1997. p. 9-14. Disponível em: <[http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=108&sid=aeb8dbf-950b-4fbb-856d-004aa4ae0ac9%40SRCSM2&bquery=\(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+19970101\)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl](http://web.ebscohost.com/ehost/results?vid=2&hid=108&sid=aeb8dbf-950b-4fbb-856d-004aa4ae0ac9%40SRCSM2&bquery=(JN+%22Journal+of+Academic+Librarianship%22+and+DT+19970101)&bdata=JmRiPWxpaCZ0eXBIPTEmc2l0ZT1laG9zdC1saXZl)>. Acesso em: 29 out. 2008.
- THORNTON, S. Pedagogy, politics and information literacy. *Politics*, v. 28, n.1, 2008, p.50-56. Disponível em: <<http://www3.interscience.wiley.com/journal/119400568/issue>> Acesso em: 26 fev. 2009.
- WARD, D. Revisioning information literacy for lifelong meaning. *The Journal of Academic Librarianship*, v. 32, n. 4, Jul. 2006, p. 396-402. <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6W50-4K66F25-4&_user=687353&_coverDate=07%2F31%2F2006&_rdoc=1&_fmt=&_orig=search&_sort=d&view=c&_acct=C000037882&_version=1&_urlVersion=0&_userid=687353&md5=9f38e96fa442024a88d1ba6789d1e910>. Acesso em: 22 out. 2008.